



MIGRAÇÕES E MIGRANTES no contexto dos movimentos históricos e contemporâneos

MIGRATIONS AND MIGRANTS in the context of historical and contemporary movements

MIGRACIONES Y MIGRANTES en el contexto de movimientos históricos y contemporâneos

Dilani Silveira Bassan¹, Daniel Luciano Gevehr² & Maurício Wamms Da Luz³

Resumo: Discute-se as migrações, considerando as distinções existentes entre os movimentos migratórios históricos e contemporâneos, a partir da relação que se estabelece entre aqueles que estão e aqueles que chegam. Toma-se como referência o fato de que ambos os grupos são, também, resultados de migrações temporalmente distintas, que trouxeram consigo uma cultura, que se transforma e se reorganiza, a partir do tempo e dos contatos com as diferenças. A pesquisa

¹ Dilani Silveira Bassan é Doutora em Desenvolvimento Regional e professora titular do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). Email: bassandilani@gmail.com.

² Daniel Luciano Gevehr é Doutor em História e professor titular do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). Email: danielgevehr@hotmail.com.

³ Maurício Wamms Da Luz é Graduado em Comunicação Social – Audiovisual e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT), bolsista Capes. Email: mauriciolluz@gmail.com.

se vale de autores de referência sobre o tema e busca problematizar a questão migratória, numa perspectiva interdisciplinar, aproximando a discussão das migrações com o campo dos estudos culturais.

Palavras-chave: Migrações; migrantes; cultura.

Abstract: We discuss migrations, considering the distinctions between historical and contemporary migratory movements, based on the relationship established between those who are and those who arrive. It is taken as reference the fact that both groups are also the result of temporally distinct migrations, which brought with it a culture that transforms and reorganizes itself, over time and through contacts with differences. The research uses reference authors on the subject and seeks to problematize the migratory issue, in an interdisciplinary perspective, bringing the discussion of migrations closer to the field of cultural studies.

Keywords: Migrations; migrants; culture.

Resumen: Discutimos las migraciones, considerando las distinciones entre movimientos migratorios históricos y contemporáneos, basados en la relación establecida entre quienes son y quienes llegan. Se toma como referencia el hecho de que ambos grupos también son el resultado de migraciones temporalmente distintas, lo que trajo consigo una cultura que se transforma y se reorganiza, con el tiempo y a través de contactos con diferencias. La investigación utiliza autores de referencia sobre el tema y busca problematizar el tema migratorio, desde una perspectiva interdisciplinaria, acercando la discusión de las migraciones al campo de los estudios culturales.

Palabras clave: migraciones; migrantes; cultura.

O IMIGRANTE E A IMIGRAÇÃO: aproximando os conceitos

Propõe-se uma análise sobre a dinâmica das migrações e a relação entre os migrantes e o território, seja de origem ou de destino e, de forma mais particular, o caso das novas relações construídas no tempo presente, visto que as migrações tem sido alvo de debates cada vez mais profundos e de caráter interdisciplinar, ampliando assim a compreensão sobre um tema de tamanha complexidade.

De acordo com Paiva (2013) se supõe a possibilidade que migrantes, ao “experimentarem” as novas relações, podem sentir-se como estrangeiros no novo território. A percepção do migrante de sua continuidade como estrangeiro, e a não integração, ou aceitação, com a população nativa, pode ser decorrente de uma discriminação, seja por suas ideologias, crenças, religiosidade e culturas. A

discriminação pode ser produto de um desequilíbrio, entre os migrantes e a sociedade receptora, pois como um território, também é constituído de cultura imaterial, as manifestações podem ser compreendidas, ou não (PAIVA, 2012).

Considerando as afirmações do autor, é possível acreditar que um território, que tenha suas relações sociais e sua cultura, constituídas a partir de uma migração histórica, a exemplo da migração germânica do século XIX, pode apresentar resistência a inclusão dos migrantes contemporâneos, tais como os latinos, pois estes possuem características étnicas, econômicas e socioculturais, distintas das suas, ocasionando dessa forma essa sensação de estrangeirismo, de anonimato, transformando-o num *outsider* (MAGNANI, 2005).

EPISTEMOLOGIA da dinâmica migratória

Para a realização desta pesquisa é primordial compreender os conceitos de território, migrações e migrantes, pois estes são termos basilares, necessários para entender o processo do fluxo migratório, e como o sentimento de pertencimento dos migrantes pode ter influenciado no sentirem-se como estrangeiros, *outsiders*. Compreender o conceito de território é fundamental ao considerar que independentemente do tipo de migração que seja estudada, a dinâmica sempre ocorrerá através do deslocamento entre territórios, de origem e de destino.

O termo território, tem origem no latim, significando “terra pertencente à alguém”, e que independe da participação do Estado-Nação. O conceito é posterior à do espaço, isto é, toda a identidade, relações, e o sentimento de pertencimento dos indivíduos. A apropriação, dominação do espaço, por parte da relação entre os indivíduos, seja concreta ou abstratamente (econômicas, políticas e culturais), é o que tradicionalmente produz um território (BRITO, 2005; SANTOS, 2000; RAFFESTIN, 1993; SAQUET, 2010).

Com base na premissa que, migração pode ser entendida como a ação de um indivíduo sair de um território e passar a residir em outro, tal fluxo é analisado sob diferentes visões na literatura. Para Salim (1992), a migração pode ser observada em função do tipo de movimento: contínuo; circular; intermitente; de retorno; domicílio, inter e intra-regional. Martine (1980) analisa a partir da menor entidade possível, considerando como migração o processo de estabelecer residência num município diferente daquele de nascimento. Lee (1980) complementa a teoria de

Martine (1980) ao responder indagações sobre a natureza da migração, espontânea e forçada.

As teorias que consideram unicamente a economia e as oportunidades de trabalho, como fatores para a migração, tem sua origem em Adam Smith (1729 - 1790), e outros economistas contemporâneos. Essas premissas foram atualizadas pelas teorias neoclássicas, nas décadas de 1960 e 1970, em nível macro e microeconômico, afirmando que os migrantes optam racionalmente pelo deslocamento, analisam o custo-benefício da troca de território, sobrepondo aos fatores sociopsicológicos (DURAND e LUSSI, 2014; BECKER, 1997).

É com Ravenstein (1885) que as migrações têm suas primeiras pesquisas teórico-empíricas, e a partir deste momento os fatores econômicos detêm grande relevância nas decisões sobre os deslocamentos dos indivíduos. Foi Ravenstein (1980) que elaborou as primeiras leis da migração, e as aplicou ao analisar dados censitários ingleses das décadas de 1870 e 1880 (RAVENSTEIN, 1885). Para que fosse possível analisar o fluxo de migração, o autor observou o deslocamento populacional, a fim de compreender quais fatores levavam os indivíduos a sair de seus locais de nascimento em direção a outros lugares. Essas observações tornaram possível que outros pesquisadores pudessem classificar diferentes dinâmicas migratórias, migrações e migrantes.

12

Autores como Ravenstein (1980) e Ghizzo e Rocha (2008) classificaram e analisaram os migrantes como: local, em que o indivíduo muda de uma parte para outra da cidade, ou local de nascimento; de curta distância, que opta por locais próximos à origem; por etapas, que radica-se em local distante, mas que faz por etapas, geralmente em busca de oportunidades de trabalho, esse grupo também apresenta a especificidade de passar a morar em locais distantes de seu país em circunstâncias especiais; temporários, ou “população flutuante”, podendo o deslocamento ser por vocação, ou obrigação, a exemplo das mudanças produzidas por questões trabalhistas, ou por oportunidades de estudo.

Ravenstein (1880) também salienta outros três pontos importantes, sobre as migrações inglesas, e que podem ser relevantes para estudos contemporâneos. Sendo o primeiro e o segundo, considerar a fluxo dos migrantes estrangeiros dentro do território, bem como o fato de que migrações econômicas tendem a ocasionar um equilíbrio entre a oferta e procura de mão de obra. O terceiro ponto, no caso da Inglaterra, afirma que os homens tendem a migrar para locais mais distantes, enquanto as mulheres migram mais e se mudam para locais mais

próximos. A dinâmica exercida pelas mulheres, não é somente de zona rural para urbana, e não somente em busca de serviços, mas principalmente para áreas industrializadas. No decorrer das últimas décadas, inúmeros autores, baseando-se nas leis da migração de Ravenstein (1885), aprofundaram suas pesquisas sobre os processos migratórios e suas singularidades, criando assim uma literatura robusta, que possibilita a análise de deslocamento, das mais diversas populações e territórios.

Para Bilsborrow (2011) e Rocha-Trindade (1995) os movimentos migratórios entre dois destinos são fenômenos complexos de definir, pois a comparação entre estes pode não ser exata e que podem assumir características conjunturais, estruturais, devido as suas determinantes. Ambos consideram que as migrações são multidisciplinares, pois envolvem teorias econômicas, sociais, políticas, entre outras. De acordo com os autores, entre as motivações para um deslocamento podem ser citados elementos econômicos, como a falta de emprego, qualidade de vida, escassez de recursos, e outros.

A intersecção entre a história, a memória e o sentimento de pertencimento e retorno, também é estudada por autores como Sayad (1998) e Chamber (1994) que analisam as perplexidades, contrastes e tensões entre as condições oriundas da estrutura existente. Da mesma forma que fenômenos sociais, culturais, estão no cerne dos migrantes, que trazem consigo uma bagagem pessoal, tanto em relação ao local de origem, quanto ao de destino, com a intenção de não perder os laços pré-existentes.

Considerando que os migrantes racionalizam as decisões, em função de fatores de atração-repulsão, utilizar modelos baseados no *push-pull* pode permitir compreender os fatores motivacionais que levam estes indivíduos a migrarem de um local para outro. Estes modelos têm como essência o pressuposto de que os indivíduos realizam a mudança de local na busca por uma melhora na qualidade de vida. Todavia, como estes modelos são criados sob a ótica da teoria econômica clássica, não leva em consideração os possíveis constrangimentos que estes podem vir a encontrar, necessitando desta forma de um aprofundamento na compreensão dos motivos da migração, subjacentes aos fluxos já analisados (ROCHA-TRINDADE, 1995; DURAND e LUSSI, 2015; PEIXOTO, 2004).

Com base na literatura mais recente, compreende-se que as dificuldades, tensões que os migrantes encontram no decorrer de todo o fluxo de migração podem influenciar na estrutura social no local de destino. Estas questões, podem

refletir na relação do migrante com a sociedade, em que está se inserido, bem como pode ocasionar a reformulação da estrutura socioeconômica existente, em decorrência de questões econômicas como a relação entre a oferta e a demanda de emprego, consumo, serviços; possíveis diferenças étnicas, religiosas e culturais, que podem criar impasses e barreiras sociais.

SOCIOLOGIA das migrações

As dinâmicas das migrações podem ser analisadas sob o contexto da sociologia, em três aspectos, segundo Germani (1974): primeiro, a decisão de migrar; segundo, a translação real; e por fim, a aculturação do indivíduo. O autor define aculturação como o processo, bem como o grau de aprendizagem, por parte do migrante, dos costumes de comportamento (incluindo papéis, hábitos, atitudes, valores, conhecimentos).

A partir dos aspectos definidos pelo autor, um estudo sobre a migração, deve considerar os motivos que leva os indivíduos a realizarem a saída de seu território original, sejam os fatores de atração ou de expulsão. As análises sobre deslocamento, num primeiro momento, tiveram como foco a investigação da migração do rural para o urbano e as questões que o indivíduo racionalizou na tomada de decisão.

Para Germani (1974) um estudo sobre as migrações, é dividido três níveis de análise: ambiental, normativo e psicossocial. Os fatores atrativos e de expulsão, que tem como dados as informações coletadas pelos migrantes em relação às condições do local a que se destinam, pertencem ao nível ambiental da migração. Os aspectos normativos dos fluxos migratórios, analisam se os migrantes encontram condições favoráveis ou não para migração, considerando questões sociais, como os valores, normas, crenças, entre outras. Neste ponto ao racionalizar o ato de migrar, os indivíduos ponderam as expectativas, papéis, além da institucionalidade. No terceiro nível, reflexões internas de cada migrante são analisadas, como as expectativas, atitudes, esperanças.

Considerando os três níveis, é possível observar que diferentes estudos, podem ser produzidos sob as definições apresentadas pelo autor, com recortes que permitam a compreensão tanto de migrações históricas quanto contemporâneas. Contudo, individualmente os níveis podem não possibilitar que o pesquisador

compreenda o panorama geral do fluxo analisado, pois cada fluxo migratório é ímpar, necessitando o entendimento dos motivos que levaram o migrante a deixar um local; que atraíram ao local de destino; como se deu a inserção do migrante na nova comunidade e, por fim, as motivações individuais.

Seguindo os mesmos pressupostos, Souza (2002) defende que as relações sociais podem se distinguir, tanto na forma, quanto no conteúdo. Ao fazer esta afirmação, o autor conceitua os aspectos da seguinte maneira: a forma, compreende duas perspectivas, a intensidade/força do laço, e a frequência/reciprocidade existente entre os atores analisados; o conteúdo, considera a natureza dos laços. Em relação a natureza pode-se citar o grau de parentesco, as amizades, relação de poder, troca de bens entre outros.

A intensidade emocional e de intimidade, o nível de confiança e de reciprocidade, entre os indivíduos, constituem a força do laço, a forma das relações. Os laços sociais podem ser fracos ou fortes, onde os primeiros representam as relações de baixa intensidade, como os colegas, conhecidos; os fortes, possuem maior intensidade, como amigos, familiares, os círculos próximos, os quais tão são conhecidos como ego ou autocentrados (GRANOVETTER, 1973; GRANOVETTER, 1992; GRANOVETTER, 2007).

15

Em relação aos laços fracos, cabe salientar a importância destes, pois permitem que um indivíduo permeie entre redes, tendo acesso a novos universos e informações, não ficando limitado às oportunidades e ao desenvolvimento do grupo. Para Granovetter (1973) quanto maior a proximidade dos atores de uma rede, mais forte é o laço social, e a força deste é definida pelo tempo intimidade, confiança e correlação entre eles. Da mesma forma que existem laços com diferentes intensidades na organização social de um território.

Granovetter (2007) ao aplicar uma abordagem *embeddedness*, consegue explicar a migração sob uma visão subsocializada e sobressocializada. A subsocialização é ligada principalmente nova economia institucional - onde economistas se fundamentam na economia neoclássica para explicar as instituições sociais. De acordo com esta corrente, os problemas econômicos podem encontrar soluções nas instituições e arranjos sociais, históricos ou políticos.

Tanto a perspectiva super-socializada, *oversocialized*, quanto a subsocializada, *undersocialized*, se referem a atomização humana, todavia a

primeira está sob a ótica sociológica, em que a sociedade é relevante na racionalização das decisões, pois os valores e normas, fazem parte do indivíduo, levando-o a ser influenciado pelo que acredita. A subsocializada, estudada por parte dos economistas, que consideram que o indivíduo não julga como sua, a decisão de migrar, ou seja, uma preocupação exclusiva consigo, que pode refletir nos demais.

Baseando-se nestes dois fundamentos Granovetter (1985) apresenta um terceiro viés, no qual os indivíduos tomam as decisões a partir da rede de relacionamentos à que estão submetidos. Granovetter (1992) tenta demonstrar que a ação econômica sofre influência e não se autorregula, como defendem os economistas clássicos, e também, que o indivíduo é hipersensível às opiniões e valores externos. O autor insiste que os atores sociais são influenciados principalmente pelo sentimento de pertencimento à sua rede social, as relações pessoais e as estruturas, considerando desta forma os aspectos histórico-culturais.

Ao comparar as teorias econômicas clássicas e neoclássicas, é possível verificar que ambas se baseiam numa concepção atomizada e subsocializada da ação humana, rejeitando o impacto que as estruturas e as relações sociais exercem sobre a produção, distribuição e consumo. Todavia, existem autores que consideram as influências sociais sobre os indivíduos, através de uma aquisição de costumes, dos hábitos, que passam a ser compreendidos de forma automática, aproximando assim de uma ótica super-socializada (GRANOVETTER, 2007).

A literatura especializada permite considerar que os fluxos migratórios, tem em sua gênese fatores econômicos, porém evidencia-se a importância que as relações sociais possuem junto ao processo decisório de um migrante. A atribuição das motivações econômicas à migração, sendo principalmente, responsáveis pela atração e repulsão dos locais de origem e destino e a compreensão da dinâmica da migração, que se apresentam de forma muito mais complexa, necessitando a observação de aspectos subjetivos e emocionais, pertencentes a outras ciências.

O processo migratório, ao deixar de ser compreendido como uma condição estática, como era analisado num primeiro momento, e sim sob uma abordagem dinâmica, deixou de tratar o migrante apenas como operariado, ou uma variável econômica. Essa nova perspectiva, de migração, passa a considerar os fluxos migratórios como processos transnacionais, indo além do conceito de origem e destino. Por fim, fatores que podem ser determinantes no deslocamento dos

migrantes, tanto individualmente quanto coletivos, como religião, ideologias, gêneros, cultura, deixam marcas permanentes nestes.

A HIBRIDIZAÇÃO da cultura histórica e contemporânea

Uma discussão sobre a identidade cultural de um território, deve antes de mais nada considerar o histórico da formação deste local, quais são as relações e representações sociais e culturais que se destacam, e, portanto, podem exercer poder sobre os demais (SOBRINHO, 2008). A importância dessa consideração se deve ao fato que o território é o somatório do material com o imaterial (SANTOS, 2000; RAFFESTIN, 1993)

Le Goff (2003) complementa, afirmando que a memória também é um elemento fundamental da identidade, que compreende o individual e o coletivo, construindo a sociedade como um todo. Segundo o autor a memória quando pensada sob este ponto de vista, se apresenta como um instrumento de poder, que permite exaltar ou apagar pontos específicos, propiciando desta forma, um constante embate entre o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido.

A partir da noção proposta por Le Goff (2003) se pode pensar sobre os fenômenos migratórios históricos e contemporâneos, problematizando a sociedade constituída em territórios onde se tem, na sua formação histórica, a presença de migrantes históricos, como o caso do sul do Brasil ao longo do século XIX, com os alemães, italianos, e outros grupos étnicos, que passam a exaltar e rememorar de forma exacerbada, as características que são atribuídas como próprias – e singulares – do seu grupo étnico, e que servem de elemento estratégico de confronto, frente aos migrantes contemporâneos, considerados pelo primeiro grupo como “forasteiros” e “indesejados”.

Nessa mesma linha de raciocínio, Germani (1974) e Granovetter (2007) também analisam a interação do indivíduo com o seu local de destino. Contudo, da mesma forma que uma sociedade aponta suas qualidades, o mesmo pode ocorrer com os elementos que desejam esconder, como o fato de que, no passado, também foram imigrantes, vindos de uma terra distante e, também já ocupada, com a presença das populações nativas, que passam a ser alvo de políticas – legitimadas pelo Estado – de genocídio.

Uma das características da globalização é a sensação de proximidade, que supõe-se produzir sentimentos contraditórios. Dentre estes pode-se citar uma aproximação das culturas, pensamentos, ideias, da mesma forma que as questões linguísticas podem ser superadas com a utilização de ferramentas digitais, podendo produzir uma relação de “vizinhança”. Para Fleck (2004) e Hall (2003) estes sentimentos contraditórios são resultados do processo de valorização das diferenças, de diversificação, de multiplicidade e dinamização sociocultural.

Esses aspectos estão correlacionados com as teorias de Sayad (1998) e Chamber (1994) que analisam intempéries, dualidades e tensões entre os fenômenos sociais e culturais que os migrantes podem perceber ao se deslocarem entre os locais. Complementando Lançanova et al. (2015) conceitua a sociedade multicultural como aquela que possui grupos sociais heterogêneos, singulares na organização social, política, econômica e principalmente cultural, em que os signos são criados internamente.

A diversidade cultural, existente na sociedade contemporânea, carrega consigo um embate imaterial entre a necessidade do sentimento de pertencimento e de igualdade, ao mesmo tempo em que existe uma demanda pelo diferente, plural ou único. Para que essa dualidade transcorra de forma tranquila é necessário que se compreenda as singularidades de cada indivíduo (HALL, 2003).

Tal comunicação intensifica-se ao contrapor a sociedade pré-estabelecida em um território, com os migrantes oriundo dos mais diversos locais, que apresentam características únicas e provavelmente díspares. Seyferth (2011) afirma que pode existir uma relação direta de transmissão e ligação entre migrantes históricos e seus descendentes através da etnicidade. Tal fenômeno pode ser relevante, no momento da chegada dos migrantes contemporâneos no território, pois estes podem ocasionar numa reformulação na estrutura social e cultural no local.

A desconstrução dos valores instaurados, ressignificação, atualização da identidade, bem como de seus aspectos simbólicos e subjetivos, pode criar uma sociedade híbrida, em que valores, normas e estruturas sociais se fundem, a partir da chegada dos migrantes. Para Canclini (2013) caso isso ocorra, a sociedade pode promover o respeito, a valorização e a tolerância entre os indivíduos nela inseridos.

Os aspectos étnicos da sociedade são teorizados por diversos autores, dentre eles Hall (2014), Cuche (1999), Gastal (2001). Hall (2014) e Cuche (1999) defendem que a identidade de um indivíduo ou grupo social é caracterizada através de suas ações e representações, em meio aos percalços, ao longo do tempo, de suas principais características, tanto as positivas quanto as que não são vistas pela sociedade como corretas. Para Gastal (2001) as comunidades constituídas a partir de relações étnicas tendem a compartilhar elementos, como a linguagem, religião e tradições. Exemplo da teoria proposta pelo autor são as comunidades que surgiram com a vinda dos primeiros imigrantes alemães, e que ainda carregam consigo suas tradições e dialetos de origem, que com o decorrer dos anos apresenta características de uma hibridização tanto com grupos oriundos de outros locais do Estado, quanto de outras nacionalidades, tendo desta forma, atualizado continuamente a estrutura social, e as relações existente no íntimo da comunidade.

Seyferth (2011) propõe que o sentimento de pertencimento de um grupo é composto por dois pontos que se complementam, a identidade, que traz consigo a subjetividade, e a noção de fronteira, que agrega os aspectos sociais, que cria em torno de princípios societários, a identificação do grupo. Candau (2012) e Thompson (2013) compreendem que a identidade de um grupo não está unicamente ligada à sua origem étnica, mas também a costumes, hábitos, tradições, que com o decorrer do tempo podem ser preservadas e atualizadas, seja pelos próprios indivíduos (descendentes) quanto para introdução dos migrantes.

Catroga (2011) ainda acrescenta que a atualização também pode ocorrer na memória coletiva, transmitida entre as gerações, que são ressignificadas, podendo ser tombadas e preservadas, mantendo a essência e elo entre as gerações. Processo este que pode ocasionar uma tensão entre a comunidade e os migrantes, enquanto estes ainda não estabelecem uma identidade sociocultural junto ao território. Tal estabelecimento permite que os migrantes criem sua própria identidade, e que possam demonstrar suas diferenças, singularidades, e definir o que os representa, quem são, e que querem transmitir (Woodward, 2014).

CONCLUSÃO

A partir da discussão realizada, percebe-se a necessidade de se reconhecer a necessidade de ampliação de discussões – numa perspectiva teórica – que

permitam aprofundar o debate sobre a dinâmica dos processos migratórios contemporâneos, em especial os movimentos que ocorrem no espaço latino-americano. A prática de ações pautadas pela xenofobia, pela discriminação de gênero, condição social, cultural, compreendem alguns dos principais problemas, que protagonizam atitudes discriminatórias, por parte da população residente nos espaços de chegada dos imigrantes.

Desconsiderar a historicidade dos processos migratórios, como parte fundamental da ocupação do território, pode acabar justificando atitudes e, até mesmo políticas de Estado, que desconsideram o fato de que os próprios sujeitos, nascidos no lugar e cujas famílias, em algum momento do passado, também migraram para o lugar onde vivem atualmente, também são resultado de um processo migratório, caracterizado como uma migração histórica.

A distinção entre os conceitos de migrações históricas e migrações contemporâneas, reside precisamente no fato de que, a primeira caracteriza as migrações do passado, e de forma especial aquelas datadas, desde o período das Grandes Navegações, do século XV e XVI até as migrações do século XIX e primeiras décadas do século XX. Já as migrações contemporâneas são conhecidas como movimentos mais recentes, surgidos a partir da segunda metade do século XX e, de forma mais exponencial, constituem os movimentos que ocorrem na atualidade.

A partir desta distinção, de caráter meramente teórico e, por que não dizer, didático, se expõe uma clara divisão. Áreas – como o continente americano – marcadas pelas migrações históricas, que resultaram, num primeiro momento, das ações das metrópoles, no sentido de ocupar os territórios recém descobertos e, num segundo momento, com a formação dos Estados e suas ações efetivas para a implantação de políticas de imigração e colonização, se constituem em um objeto complexo de investigação, na perspectiva dos estudos migratórios contemporâneos. Afinal, esses espaços, marcados pelas migrações do passado, hoje se veem marcados por novas dinâmicas de transformação do espaço.

Por fim, cabe ressaltar, que a criação de uma identidade própria dos migrantes, depende da possibilidade de poderem criar laços com o território para o qual se deslocaram, um fenômeno que demanda um período não definido, e que também necessita da “permissão” da cultura pré-existente, para que se torne possível um envolvimento, no sentido da troca de costumes, normas, e outros, um

processo que permita a transformação da cultura e do modo de viver do lugar, marcado pela dinâmica das migrações.

REFERÊNCIAS

- BASSI, Camilo; BARBOSA, Frederico; ARAÚJO, Herton. *A multicausalidade dos processos migratórios: em busca de evidências empíricas*. 2006. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_383.pdf>2006. Acesso em: 15 set. 2016.
- BECKER, Olga Maria Schild. Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologias, contextos. In: Castro, Iná Elias de. Gomes, Paulo Cesar da C. Corrêas, Roberto L. *Explorações Geográficas: percurso no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BILSBORROW, Richard. Temas metodológicos claves en el estudio de la migración en países en desarrollo: teoría, recolección de datos y políticas. In: CUNHA, José Marcos Pinto da (Org.). *Mobilidade espacial da população: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo*. Campinas: Núcleo de estudos de população-Nepo/Unicamp, 2011. p. 17-31.
- BRITO, Cristóvão. *Algumas observações sobre o conceito de território*. *Ágora*. v.11, nº 2, p. 115-131, jul/dez. 2005.
- CANCLINI, N. G. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp, 2013.
- CATROGA, Fernando. *Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim do fim da história*. 2 ed. Coimbra: Almedina, 2011.
- CANDAU, J. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHAMBERS, I. *Migrancy, culture, identity*. London/New York: Routledge, 1994.
- CUCHE, D. *A noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.tt
- CUNHA, José Marcos P. da. Retratos da mobilidade espacial no Brasil: os censos demográficos como fonte de dados. *Revista Inter. Mobilidade Humana*. Brasília, Ano XX, nº 39, p. 29-50, jul./dez. 2012.
- DURAND, Jorge; LUSSI, Carmen. *Metodologia e teorias no estudo das migrações*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.
- FLECK, L. *A saga do Vale: histórias da Imigração Alemã no Vale do Rio dos Sinos*. Vol. I. ed. 1, Edição do Autor, 2004.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A POPULAÇÃO. Disponível em:
<<http://www.unfpa.org/>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

GASTAL, S. Turismo & Cultura: por uma relação sem diletantismos. In: GASTAL, S. (Org.) Turismo: 9 propostas para um saber-fazer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 107-118.

GERMANI, Gino. *Sociologia da modernização: estudos teóricos, metodológicos e aplicados a América Latina*. São Paulo: Mestre Jou, 1974, 261 p.

_____. Assimilação de migrantes no meio urbano (aspectos teóricos e metodológicos). In: GERMANI, Gino. *Sociologia da modernização*. São Paulo: Mestre Jou, 1974. p. 140-165.

GHIZZO, Márcio Roberto; ROCHA, Márcio Mendes. *Contextualização dos estudos de mobilidade da população nas Ciências Humanas Espaço Plural*. Ano IX, nº 18, 1º Semestre, 2008, p. 101-110.

GRANOVETTER, Mark. The Strength of weak ties. *American Journal of Sociology*, Vol. 78, Issue 6, May, 1973, p. 1360-1380.

_____. Economic Action and Social Structure: The Problem of Embeddedness. *American Journal of Sociology*, volume 91, Issue 3, nov. 1985, p. 1-31.

_____. Economic Action and Social Structure: The Problem of Embeddedness. *American Journal of Sociology*, Vol. 91, Issue 3, 1985, p. 481-510.

_____. *The sociology of economic life*. Boulder: Westview, 1992.

_____. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. *RAE-eletrônica*, v. 6, n. 1, Art. 9, jan./jun. 2007.

GUEST, Philip. The determinants of female migration from a multilevel perspective. In *Internal migration of women in developing countries*. New York: UNITED NATIONS, 1993.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. pp. 103-133.

HALL, S. *Da Diáspora: Identidades e Mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Unesco, 2003.

LANÇANOVA, J.; MADERS, A. M. Globalização: Um Desafio para a Preservação da Diversidade Cultural. In: DELÓLMO, F. S.; CERVI, J.; VERONESE, O. (Org.). *Multiculturalidade e cidadania: olhares transversais*. Campinas, SP: Millennium Editora, 2015. p. 93-110.

LEE, Everett S. Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, Hélio A. de. *Migração interna: textos selecionados*. Fortaleza: Banco do nordeste do Brasil S.A (BNB). Escritório técnico de estudos econômicos do nordeste (ETENE), 1980, p. 89-114.

LE GOFF, J. História e memória. 5 ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. From close up and within: notes for an urban ethnography. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 1, Selected Edition, 2005. Available from <http://socialsciences.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092005000100002&lng=en&nrm=iso>. access on 27 Aug. 2019.

MARTINE, George. Sugestões para o Censo Demográfico: migrações internas no Brasil. In: MOURA, Hélio A. de. *Migração interna: textos selecionados*. Fortaleza: Banco do nordeste do Brasil S.A (BNB). Escritório técnico de estudos econômicos do nordeste (ETENE), 1980, p. 449-466.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Conceitos básicos, definições e mensuração da migração interna: aspectos sociológicos. In: MOURA, Hélio A. de. *Migração interna: textos selecionados*. Fortaleza: Banco do nordeste do Brasil A (BNB). Escritório técnico de estudos econômicos do Nordeste (ETENE), 1980, p. 313-354.

PAIVA, Odair da Cruz. *Histórias da (I)migração: imigrantes e migrantes em São Paulo entre o final do século XIX e o início do século XXI*. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2013.

_____. Territórios da migração na cidade de São Paulo: afirmação, negação e ocultamentos In: Teixeira, Paulo Eduardo; Braga, Antônio Mendes da Costa; Baeninger, Rosana (orgs.). *Migrações: implicações passadas, presentes e futuras*. – Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. 368 p.

PEIXOTO, João. As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas. Lisboa: *SOCIUS – Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações*. n. 11, 2004.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. França. São Paulo: Ática, 1993.

RAVENSTEIN, E. G. As leis da migração. In: MOURA, Hélio A. de. *Migração interna: textos selecionados*. Fortaleza: Banco do nordeste do Brasil S.A (BNB). Escritório técnico de estudos econômicos do nordeste (ETENE), 1980, p. 19-88.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. *Sociologia das migrações*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

SALIM, Celso Amorim. *Migrações internas: A necessidade de novos paradigmas*. Universidade Federal de Sergipe. 1992.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização* (do pensamento único à consciência universal). Rio de Janeiro: Record, 2000.

SAQUET, Marcos A. O(s) tempo(s) e o(s) território(s) da imigração do sul do Brasil. In: SPOSITO, Eliseu S.; BOMTEMPO, Denise C.; SOUSA, Adriano A (org.). *Geografia e migração: movimentos, territórios e territorialidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SAYAD, A. *A imigração e os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

SEYFERTH, G. A dimensão cultural da imigração. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 26, n. 77. p. 47-62, 2011.

SOBRINHO, P. M. *Raízes de Taquara*. São Leopoldo: EST, 2008.

SOUZA, Itamar de. Para Além da Concepção Metafórica de Redes Sociais: fundamentos teóricos da circunscrição topológica da migração internacional. Trabalho apresentado no XIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS. Minas Gerais: UFMG/Cedeplar.2002, p. 1-27.

THOMPSON, Eduard. P. *Costumes em comum*. Estudos sobre cultura popular e tradicional. São Paulo: Cia. Das Letras, 2013.

WALTEROS, Jaime Alberto G. La migración internacional: teorías y enfoques, una mirada actual. *Semestre Económico*. Volumen 13, nº 26, pp. 81-100, enero-junio de 2010, Medellín, Colombia, 2010.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 07-72.

Artigo Recebido em: 22 de novembro de 2019.

Artigo Aprovado em: 15 de dezembro de 2019.

